



# CATEDRAL TOMADA

Revista de Crítica Literária Latinoamericana ∞ Journal of Latin American Literary Criticism

**Andre Rezende Benatti**

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
andre\_benatti29@hotmail.com

**Alcione Rafael Candido**

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
alcioner.almada@hotmail.com

## ***Cartas para minha mãe*, de Teresa Cárdenas: racismo e resistência na voz de uma literata negra**

### ***Cartas para minha mãe*, by Teresa Cárdenas: Racism and Resistance in the Voice of a Black Literate**

#### **Resumo:**

O objetivo deste trabalho é analisar o racismo sob a perspectiva da personagem principal — uma criança, negra e órfã—, do romance epistolar *Cartas para minha mãe*, da escritora cubana contemporânea Teresa Cárdenas. A narrativa se desenvolve em torno de uma personagem que não teve o que chamamos hoje de infância, e que, assim, entra na adolescência. Todavia, nosso foco será voltado para a condição negra da narradora, que a todo o momento sofre com os mais diversos tipos de preconceitos, além de ter que lidar com uma fase difícil: a passagem da infância para a puberdade. Desta forma este trabalho pretende discutir as questões que envolvem a infância rodeada de preconceitos da personagem principal do romance de Cárdenas ao passo que observaremos as reações e as percepções da criança frente ao racismo. Para as análises do romance, da infância da narradora, da contextualização histórica do processo de colonização da América Latina e do processo psicossocial do sentimento de inferioridade do negro e de superioridade do branco, utilizaremos os textos dos seguintes estudiosos: Cabo Aseguinolaza (2001); Ariès (1981); Fanon (2008); Gates (2014) e Souza (2015), entre outros textos teóricos. Ao final, percebemos que no romance de Teresa Cárdenas o peso do racismo leva a narradora a busca auxílio nas cartas que escreve para a mãe morta.

O racismo presente no texto de constrói como uma amostra daquilo que diversas pessoas passam todos os dias de suas vidas.

#### Palavras-chaves

*Cartas para minha mãe; Teresa Cárdenas; literatura negra; racismo; infância.*

#### Abstract:

The aim of this work is to analyze racism from the perspective of the main character—a child, black and orphaned— from the novel *Cartas para minha mãe*, by contemporary Cuban writer Teresa Cárdenas. The narrative develops around a character who did not have what we call childhood today, and who thus enters adolescence. However, our focus will be on the black condition of the narrator, who at all times suffers from the most diverse types of prejudices, in addition to having to deal with a difficult phase: the transition from childhood to puberty. In this way, this work intends to discuss the issues involving childhood surrounded by prejudices of the main character of Cárdenas' novel, while we will observe the reactions and perceptions of the child in face of racism. For the analysis of the novel, the narrator's childhood, the historical contextualization of the colonization process in Latin America and the psychosocial process of the feeling of inferiority of blacks and of superiority of white, we will use the texts of the following scholars: Cabo Aseguinolaza (2001); Ariès (1981); Fanon (2008); Gates (2014) and Souza (2015), among other theoretical texts. In the end, we realized that in the novel by Teresa Cárdenas the weight of racism leads the narrator to seek help in the letters she writes to her dead mother. The racism present in the text builds as a sample of what several people go through every day of their lives.

#### Keywords

*Cartas para minha mãe; Teresa Cárdenas; black literature; racism; childhood.*

#### Considerações iniciais

Cada sujeito percebe o mundo e suas convenções de acordo com suas subjetividades e experiências. Os fenômenos que constituem o mundo também são percebidos por óticas distintas de indivíduos distintos. A exploração dos negros africanos, o racismo, os preconceitos étnicos foram e são fenômenos violentamente antissociais e desumanos, mas que, por muitos séculos (e até hoje, na maioria das vezes de modo velado), subsiste nas relações sociais e culturais. Exemplos disso são as dicotomias que podemos observar ao comparar os elementos, a religião, a dança, a música, a literatura, pertencentes às culturas europeias e aquelas oriundas

das culturas africanas, asiáticas ou latino-americanas. A dança, a música, a arte europeia vale mais que as demais. Ainda mais agravante: os indivíduos europeus, os brancos, valem mais que os demais, inclusive se “os demais” se referir aos negros, foco deste artigo.

Quanto às perspectivas sobre uma mesma circunstância, sabemos que enquanto para os brancos a exploração serviu como meio de enriquecimento e difusão do preconceito, sendo vista pela maioria deles como algo vantajoso e natural, como se explorassem animais; para os negros, a percepção dos mesmos fatos foi demarcada pela dor e pelo complexo de inferioridade. A mão que chicoteia, o chicote e o chicoteado vivenciam a mesma cena, mas se cada um desempenha um papel diferente, as experiências também serão diferentes. De um lado, o agressor que talvez não se veja assim, o branco, empunhando um chicote. Do outro lado, o negro, nada além disso: para o senhor de escravos, quase um animal.

Porém, se o branco e o negro sentiram e sentem de modos diferentes a escravidão e suas mazelas, como uma criança negra a sente? Como uma criança negra, que nasce sem qualquer complexo de inferioridade, sem saber sobre distinções étnicas vai, ao longo da infância, recebendo direta e indiretamente fragmentos de preconceito e racismo e incorporando-os ou resistindo a eles? Essas são questões que se fazem presentes na vida de diversas pessoas. No âmbito literário, como essas questões são representadas? Como esses sentimentos e desilusões corporificam-se numa obra ficcional?

Assim, o que pretendemos neste trabalho é focar nossas análises para a personagem principal —uma menina negra e órfã—, do romance epistolar *Cartas para minha mãe*, da escritora cubana contemporânea Teresa Cárdenas. A narrativa se desenvolve em torno de uma personagem que não teve o que chamamos hoje de infância.<sup>1</sup> Todavia, nosso foco será voltado para a condição negra da personagem, que a todo momento sofre com os mais diversos tipos de preconceitos. Dessa forma,

---

<sup>1</sup> Período do desenvolvimento do ser humano, que vai do nascimento ao início da adolescência; meninice, puerícia.

este trabalho pretende discutir as questões que envolvem a infância rodeada de preconceitos da personagem principal do romance de Cárdenas, ao passo que observaremos as reações e as percepções da criança frente ao racismo.

A autora do livro em questão, Teresa Cárdenas (Matanzas, 1970), vem destacando-se entre a atual geração de escritores cubanos. Dentre seus ofícios enquanto mulher e mãe, destacam-se o de contadora de histórias, bailarina, roteirista, atriz e assistente social. Segundo o *site* da editora Pallas que publicou duas de suas obras —*Cartas para minha mãe* e *Cachorro velho*—, a escritora é membro da Associação de Escritores da União de Escritores e Artistas de Cuba e recebeu vários prêmios: pelo livro *Cartas para a minha mãe*, o Prêmio David, em 1997, Prêmio da Asociación Hermanos Saíz, no ano de 1997, Prêmio Nacional da Crítica Literaria, em 2000; Foi publicado em Cuba, Canadá, Estados Unidos, Suécia e, no Brasil, através da Pallas Editora, ela obra *Cachorro velho*, recebeu o Prêmio Casa de las Américas, em 2005, Prêmio de la Crítica Literaria, no ano de 2006, Prêmio La Rosa Blanca, obra que foi publicada em Cuba, Canadá, Estados Unidos, Suécia, Coreia do Sul e no Brasil também pela Pallas Editora.

Ainda conforme o *site* da Pallas Editora, ambos os livros mencionados acima foram utilizados em programas de leitura em escolas brasileiras públicas e privadas. Cárdenas também é autora de diversos contos que estão em distintas antologias em Cuba e outros países e suas obras foram estudadas em pesquisas para o desenvolvimento de ensaios literários e teses universitárias em Cuba, Estados Unidos, Colômbia, Venezuela e Brasil.

Apesar de, atualmente, termos mais pesquisas que demonstram a valorização da cultura e da etnia negra e o cuidado e a preocupação em evidenciar as desigualdades, o sofrimento e a violência pelas quais os negros passaram e ainda passam, podemos considerar que não se esgotaram o mar de possibilidades de autores, leituras e leitores sobre esses viéses escravocratas e coloniais e,

principalmente, sobre como a escravidão do negro se dá na contemporaneidade,<sup>2</sup> de modo sutil, nem por isso menos perverso.

Em um momento de grandes discussões sobre minorias, falar sobre o preconceito e o racismo não é novidade, mas quando nos referimos a uma literata mulher, o fato de ela ser negra se torna mais um acréscimo para a falta de credibilidade, respeito e até mesmo de valor. Não bastava ser negra e sofrer preconceitos com a cor da pele, Teresa Cárdenas desafiou os padrões e se tornou uma escritora que trata sobre essa dor. Também, é interessante notar, e assim desenvolvermos no decorrer do trabalho, a visibilidade que Cárdenas confere à infância da mulher negra.

Para as análises da narrativa, da infância da personagem principal, da contextualização histórica do processo de colonização da América Latina e do processo psicossocial do sentimento de inferioridade do negro e de superioridade do branco, utilizaremos o seguinte arcabouço teórico-crítico: *Infancia y modernidad literaria*, de Fernando Cabo Aseguinolaza (2001); *História social da infância e da família*, de Philippe Ariès (1981); *Pele negra, máscaras brancas*, de Franz Fanon (2008); *Os negros na América Latina*, de Henry Louis Gates (2014) e *A ambígua condição negra em Cuba: Relações Raciais e Mobilizações Coletivas Antirracistas*, de Bárbara Oliveira Souza (2015), entre outros textos teóricos.

## 1. A escravidão em Cuba: sequelas

Algumas pessoas não sabem ser negras.  
Tenho pena delas. (Cárdenas 20)

Ela [a avó] quer trabalhar como empregada na casa de uma família branca. E embora titia proteste, dizendo que isso é coisa do passado, ela insiste que não sabe fazer outra coisa. (Cárdenas 13)

<sup>2</sup> Aventamos que na contemporaneidade o sujeito negro, por suas condições de vida, preconceitos, menores oportunidades, maior dificuldade de acesso à questões básicas de bem estar social vive em uma espécie de escravidão contemporânea.

Para compreendermos o porquê de tamanhas desigualdades entre brancos e negros, no presente, é preciso voltar ao passado. O passado no qual homens, mulheres e crianças indígenas e negras foram exploradas, violentadas, torturadas e subjugadas. Passados 500 anos de descobrimento das Américas, a exploração e a inferiorização dessas etnias ainda está tão presente quanto a séculos atrás.

A escravização, grosso modo, já é conhecida dentro da nossa história e deixou marcas que dificilmente serão apagadas. Segundo Henry Louis Gates, escritor, crítico literário e educador norte-americano, em *Os negros na América Latina*:

Nas escolas americanas, em geral, a história da escravidão é ensinada (quando chega a ser ensinada) mediante estereótipos simples de sequestros por brancos, dispersão de membros das mesmas tribos no estrado do leilão (a fim de impedir as comunicações e, portanto, rebeliões) e total afastamento das comunidades negras no Novo Mundo entre si e de suas origens africanas. A constatação de que alguns membros da elite africana eram agentes ativos no tráfico escravista e viajavam ao Novo Mundo e à Europa (e depois voltavam para a África) com objetivos comerciais, diplomáticos ou educacionais é, além de surpreendente, muito perturbadora. (Gates 10)

Ainda no contexto brasileiro, há cerca de quinhentos anos, os portugueses criaram um império açucareiro na região dos atuais estados da Bahia e de Pernambuco. Essa região foi uma das maiores economias de *plantations* do mundo. Portanto, necessitavam de muita mão de obra. Em pouquíssimo tempo, o Brasil se tornaria um dos maiores produtores de açúcar no mundo e longe disso não estava Cuba, que tomou a posição de maior produtora de açúcar após a queda do Haiti:

Entre 1651 e 1866, Cuba recebeu da África 779 mil escravos —329 mil além do total de escravos chegados aos Estados Unidos—, e a maior parte deles desembarcou depois de 1801 e da Revolução Haitiana, após o colapso da economia açucareira do Haiti. Cuba teve então de substituir o Haiti como maior produtor mundial de açúcar. (Gates 149)

Quando a Revolução Haitiana extinguiu o comércio açucareiro do Haiti, os colonos espanhóis e a elite crioula de Cuba perceberam que a amarga falência açucareira do Haiti poderia ser uma doce oportunidade econômica. A partir de então, Cuba passou a importar milhares de escravos para o aumento de produção de açúcar. Começava, desde o processo de importação, a violência e os maus tratos aos escravos. O poema “O Navio Negreiro”<sup>3</sup> (2013), de Castro Alves, ilustra um sofrimento que foi comum a diversas regiões do globo:

No romance *Cartas para a minha mãe*, após apanhar de sua avó, a protagonista assim escreve em seu diário, aludindo às torturas que ocorreram aos negros durante a escravidão: “Mamãe, a coluna me dói toda. Vovó me espancou como se fazia com os escravos”. (Cárdenas 37)

Voltando ao contexto histórico da escravidão, em 1820, Cuba era a maior exportadora de açúcar do mundo e a maior economia escravista do hemisfério Ocidental. Por estes e outros motivos, a nação foi uma das últimas a abolir a escravidão, em 1886, 21 anos após a abolição dos Estados Unidos e apenas dois anos antes da abolição Brasil (cf. Gates).

Em entrevista com a pesquisadora e professora María del Carmen Barcia, que dedicou sua carreira ao estudo da escravidão em Cuba, Gates (2014) pergunta

<sup>3</sup> Tinir de ferros... estalar de açoite... / Legiões de homens negros como a noite, / Horrendos a dançar... / Negras mulheres, suspendendo às tetas / Magras crianças, cujas bocas pretas / Rega o sangue das mães: / Outras moças, mas nuas e espantadas, / No turbilhão de espectros arrastadas, / Em ânsia e mágoa vãs! / [...] / Presa nos elos de uma só cadeia, / A multidão faminta cambaleia, / E chora e dança ali! / Um de raiva delira, outro enlouquece, / Outro, que martírios embrutece, / Cantando, geme e ri! / (Alves 20-21).

sobre o cotidiano em plantações como Angerona, se os escravos eram obrigados a trabalhar até morrer, como acontecia no Brasil, devido ao grande número deles. Barcia responde que, ao contrário do Brasil, os escravos importados para Cuba eram caros e, por esta razão, os senhores buscavam mantê-los vivos e aptos para que pudessem trabalhar.

Quanto às sequelas referidas no título desta parte, Barcia explicitará algumas que foram deixadas após o período da colonização. Segundo ela, depois da abolição em Cuba, em 1886, o mercado de trabalho foi aumentado e tomado por cerca de mais de 200 mil homens negros. E algo que pouco é discutido quando se fala em abolição da escravatura é sobre as condições nas quais esses homens se encontravam quando tiveram a liberdade. Quase todos eram analfabetos e sem qualificação alguma, sabiam somente trabalhar em serviços braçais pesados, como fizeram durante todas suas vidas para os senhores brancos. Passaram, então, a ocupar os serviços mais subalternos e mal remunerados e, desde então, indivíduos negros têm menos chances de conseguir trabalhos mais bem remunerados na sociedade: “Nem todos os pobres são negros, mas um maior número de negros são pobres, e isso vem da escravidão”, fala da professora Carmen Barcia (Gates 150-151).

São essas sequelas que podemos observar representadas no romance *Cartas para minha mãe*, quando a protagonista nos revela um pouco sobre sua avó:

Ela [a avó] trabalha para a família branca de que falei. Cozinha, lava, passa e tudo mais que aparece para fazer na casa deles. Se mata de tanto trabalhar, mas não reclama. Pelo contrário, fala maravilha deles, embora lhe paguem um tiquinho de nada. (Cárdenas 29-30)

O negro, ainda hoje, é subserviente ao branco. É escravo-livre dos brancos. Desde suas raízes, a sociedade, de certa forma, vincula no sujeito negro que ele é menos que os outros e, assim, ele vai aceitando que merece menos, como se a escravidão não fosse algo ilógico, irracional, mas como se estivesse nela todo o

sentido de sua existência: há uma "vontade", por vezes implícita, outras explícita, em fazer com que a população negra acredite que nasceu inferior e nasceu para ser escrava, para trabalhar não “com” os brancos, mas sim “para” os brancos.

Franz Fanon, em seu livro *Peles negras, máscaras brancas* (2008), analisa, através de suas próprias experiências e as de seus colegas, como é ser um negro nas Antilhas. Segundo ele, só há o complexo de inferioridade do indivíduo negro após o duplo processo que envolve a condição econômica e a interiorização dessa inferioridade (Fanon, 2008). O negro, para Fanon, não é um homem. É um homem negro, sua cor se destacando sempre, antes de qualquer outro valor ou característica. Esclarece ainda que para o negro há apenas um destino e ele é branco, ou seja, o melhor destino para um negro é “ser” branco, embranquecer sua geração ou, se não puder embranquecer a pele, embranquecer seu modo de vida: agir como um branco agiria, consumir produtos, cultura, literatura que vem dos brancos, vestimentas que brancos usam:

É pelo interior, pelos costumes, pelas escolhas do vestuário, do modo de falar, andar, agir, que o negro poderá ser mais branco tendo em vista que, ele não embranquecerá sua pele. É rejeitando sua negritude que se aproximará da branquitude. É assimilando os valores das culturas brancas que escapará de suas culturas afros. No romance, a protagonista assim escreve em seu diário: “Mamãe, minha avó diz que é bom apurar a raça. Que o melhor que pode acontecer com a gente é casar com um branco”. (Cárdenas 13)

“Apurar a raça”, como a menina escreve, trata-se de “Embranquecer a raça, salvar a raça, mas não no sentido que poderíamos supor: não para preservar ‘a originalidade da porção do mundo onde elas cresceram’, mas para assegurar sua brancura” (Fanon 57). Branqueando-se por dentro e branqueando suas gerações, assim faz o negro quando sente que sua pele o torna menor que outros. Salvar a raça negra na tentativa de extingui-la de si e dos seus. Trata-se de livrar-se da dor e

do fardo de carregar pesos da escravidão que ainda não acabou e que adquiriu novas faces.

### 1.1. Condição do negro em Cuba

Gates, em *Os negros na América Latina* (2014), relata suas viagens e suas conversas com personalidades negras ou que estudavam as condições do negro em países como Brasil, México, Peru, República Dominicana, Haiti e Cuba. A partir das viagens e pesquisas que realizou, o estudioso afirma no início do livro que a pergunta mais importante que procura responder é: “o que significa ser ‘negro’ nesses países?” (Gates 9). Pondera que a resposta para tal pergunta varia de um ponto a outro da América Latina. O último capítulo do livro, intitulado “Cuba: A próxima revolução cubana” enfoca os processos de escravidão em Cuba e de como o racismo ainda persiste no país. Conforme o crítico, referindo-se à fala de Matory, “os debates sobre ‘raça’, quase sempre envolvem classe” (Gates 10) e todas as sociedades dos países visitados por ele têm em comum o fato de que

[...] as pessoas de origem africana “mais pura” ou “sem mistura” ocupam, desproporcionalmente, a parte mais baixa da escala econômica. Em outras palavras, as pessoas de pele mais escura, de cabelo mais encarapinhado e de lábios mais grossos formam em geral o grupo mais pobre da sociedade. Ou seja, nesses países, a pobreza foi construída socialmente em torno de graus de origem africana óbvia. (Gates 15)

Como já enfatizado no tópico anterior, essas sequelas são legados da escravidão e da perpetuação do racismo nas sociedades que se classificam como isentas de racismo e que parecem prezar pela igualdade entre os cidadãos.

Gates trouxe para o livro a conversa com a professora e historiadora Graciela Chailloux. A professora diferencia o período no qual Fulgencio Batista

(1901-1973) manteve-se no poder, cerca de 26 anos e, ainda que mulato, não tomou nenhuma medida política e humana para garantir mais dignidade e igualdade para a população negra.

No ano de 1957, apesar de Cuba ostentar a segunda renda per capita da América Latina, havia muita desigualdade: os ricos enriqueciam cada vez mais e os pobres se afundavam mais e mais na miséria. De um lado, uma Cuba próspera e majoritariamente branca. Do outro, uma Cuba pobre e predominantemente negra. No ano de 1953, entre 15% e 20% da população estava desempregada e as famílias que trabalhavam recebiam em média seis dólares por semana. De acordo com Chailloux, o governo de Fidel

[...] dispôs-se a transformar Cuba num país onde os brancos, os negros, os mulatos, os ricos e os pobres fossem iguais. Fidel declarou a ilegalidade do racismo e eliminou muitas políticas informais que discriminavam os afro-cubanos. Dessegregou clubes sociais, parques públicos e praias. Criou um novo órgão público incumbido de eliminar a discriminação racial na contratação de recursos humanos. O governo confiscou propriedades e casas abandonadas e redistribuiu-as a famílias pobres, brancas e negras. (*apud* Gates 169)

Ainda conforme a professora, o governo de Fidel passou a promover a educação e assistência médica a todos, sem quaisquer distinções. Porém, Gates afirma que, apesar destas transformações ou tentativas de transformação, Cuba ainda era extremamente desigual, principalmente em relação aos negros.

A pesquisadora brasileira Bárbara Oliveira Souza, em sua tese de doutorado *A ambígua condição negra em Cuba: Relações Raciais e Mobilizações Coletivas Antirracistas* (2015), relata que foi morar em Cuba para fazer suas pesquisas e observar como é ser negro no país e como se estabelecem as relações raciais, o mito cubano da igualdade e as percepções sociais sobre identidade. A pesquisadora pontua em sua introdução que a população cubana é constituída por 64,1% de

indivíduos brancos, 9,3% de negros e 27,6% de mestiços, de acordo com o Censo de 2012.

Souza (2015), assim como Gates (2014), também aborda o período após a Revolução. Segundo ela, já nos primeiros anos da Revolução, se tornaram ilegais as restrições a negros ou brancos em qualquer tipo de local: clubes, centros de trabalho, bairros, instituições:

Até a Revolução, a realidade cubana apresentava contextos bastante segregados. Regiões inteiras do país eram proibidas para pessoas negras, como parques e praias. Em poucos meses, uma mudança crescente da cor dos funcionários dos bancos, das universidades, dos clubes e casas de show começou a ocorrer. (Souza 24)

Contudo, se a Revolução trouxe mais oportunidades e direitos aos negros, também trouxe o discurso de que o racismo foi abolido no país e, portanto, não se deve falar mais sobre ele. O silenciamento, pós-revolucionário, sobre as pautas étnicas e sobre o racismo fez com que não ocorresse o amadurecimento sobre os temas raciais, fazendo com que ocorra, por exemplo, piadas racistas em teatros públicos cubanos (cf. Souza, 2015).

Gates (2014) expõe em seu livro que, conversando com os motoristas cubanos que faziam parte da equipe de filmagem, Rafale e Yoxander, percebeu o quanto a questão da cor e do preconceito eram complexos em Cuba. Abaixo uma parte do diálogo que foi transcrita na obra:

Comecei perguntando a Rafael, cuja pele tem a cor do café, de que cor ele é.

‘Sou mestiço’, disse ele. ‘Sou simplesmente um cubano. Uma mistura de todas as raças.’

‘Certo, eu sei disso’, respondi. ‘Mas o que está escrito em sua carteira de identidade?’



‘Branco’, disse ele.

O homem não era branco. E ele não soube me explicar porque sua identidade dizia que é. (Gates 173-174)

No fragmento acima, percebemos que, mesmo o rapaz sendo negro, tal qual a cor do café, não assume sua negritude e acredita ser mestiço. Para agravar a situação, em seu documento consta que ele é branco. Na sequência do diálogo, o outro rapaz, Yoxander, demonstra em sua fala o sentimento de inferioridade que acomete o negro, fazendo-o acreditar que vale menos e é menos inteligente que o branco:

[...] aí aproveitei a oportunidade para lhes perguntar por que não havia mais professores como eu [negro] nas universidades, e por que os bairros ricos não tinham mais residentes de cor.

‘Acho que talvez seja porque os brancos gostam mais de estudar’, disse Yoxander, surpreendendo-me com sua franqueza. ‘Eles não param de se esforçar, e estão sempre tentando melhorar de vida, dia após dia.’

Como podem imaginar, nesse momento fui tomado de certas emoções fortes. Mas eu não estava conversando com Yoxander para julgá-lo.

‘Por que os negros não têm os mesmos valores?’, perguntei.

‘Talvez seja por causa dos genes deles, da mentalidade deles, do modo como veem a vida, do jeito que são’, ele respondeu. ‘Ou porque, devido ao contexto em que nasceram, estão felizes do jeito que são e não querem nada mais que isso’. (Gates 173-174)

Segundo a fala de Yoxander, os negros são em sua grande maioria pobres porque não gostam de estudar tanto quanto os brancos. “Os genes, a mentalidade” dos negros é que são os motivos da segregação econômica, e não o racismo. Tal justificativa mostra o complexo de inferioridade do negro, mas principalmente, que



o próprio negro se vale de discursos racistas para tentar explicar e entender suas condições.

Souza (2015), também, narra em sua tese um momento em que presenciou uma cena de racismo em Cuba:

Na parte antiga da cidade de Havana, conhecida como Habana Vieja, há diversas mulheres que oferecem o serviço de tranças ‘afro’ aos transeuntes que cruzam as ruas. Ao dialogar poucas palavras com uma delas, me foi relatada a diferença de um cabelo ‘bom’ e um cabelo ‘ruim’: a qualidade. O primeiro, liso, seria de melhor ‘qualidade’. O segundo, ‘crespo’, teria uma qualidade inferior, o que justificaria a denominação para o cabelo ‘bom’ e ‘ruim’. Interpelada sobre a possibilidade dessa afirmação ser racista, minha interlocutora teve uma reação explosiva e afirmou: ‘se no Brasil isso é racismo, é um problema de lá. Aqui em Cuba isso não é racismo, pois racismo aqui não existe’. (30-31)

Novamente, o imaginário de que racismo não existe em Cuba. Logo, o que quer que façam ou digam, insinuando que o negro ou os elementos que pertencem ao negro ou às culturas afros são inferiores, não é considerado racismo ou preconceito. O cabelo crespo afro é uma das principais marcas da etnia. No romance de Cárdenas, a protagonista não deixa que alisem seu cabelo: “Por isso não deixo que passem pente quente em meu cabelo. Não quero ficar parecida com Sara. Prefiro fazer penteados. Como as africanas” (Cárdenas 22). A menina, apesar de muito nova, guarda em si o desejo de manifestar sua negritude e deixá-la transparecer. Ainda enfatiza que suas primas, Lilita e Niña, quando brincavam de jogar água uma na outra durante o banho, cuidavam para que a água só caísse da cintura para baixo para não voltarem a ter o cabelo natural (Cárdenas). Assim como a mulher encontrada por Souza (2015), a prima da protagonista, Niña, gostava “de colocar as calçolas ou uma toalha na cabeça e andar de um lado para o outro cantarolando: ‘Meu cabelo é bom! Meu cabelo é liso!’” (Cárdenas 22).

Gates (2014), ao realizar sua pesquisa em Cuba, entrevistou o *rapper* Soandres del Rio Ferrer, cujo nome artístico é Soandry, líder de uma das principais bandas de *hip-hop* em Cuba, os *Hermanos de Causa*. Conforme o *rapper*, o “sistema alimenta esse racismo, porque não fala de sua existência. O sistema finge que não existe racismo em Cuba. Durante toda a história de Cuba, o futuro foi posto em primeiro lugar, e a situação dos negros ficou relegada ao segundo plano” (Gates 180). Logo, ainda que a revolução cubana tenha tido boas intenções, relegou à periferia os elementos culturais dos negros como a história, a cultura, as tradições afro-cubanas. Inclusive, duas músicas da banda foram proibidas pelo governo cubano por abordarem o racismo. Uma delas diz o seguinte:

No, el negro cubano quiere ser igual que el blanco  
 Porque cree que el oscuro es atraso y lo claro adelanto  
 Tanto así que siempre está riéndose de él mismo a carcajada  
 Cuando escucha algún chiste de racismo  
 El negro cubano discrimina a su Hermano  
 Le levanta la mano  
 Y aunque no tiene amo  
 Se arrastra como gusano que no tiene nada suyo.<sup>4</sup>

Pensamos, a partir de Fanon (2008) que o cubano negro quer ser igual ao branco. O complexo de inferioridade não somente o faz querer ser branco, mas também a renegar toda herança negra, inclusive a própria cor. Mulato, moreno, mestiço, branco, qualquer termo vale para retirar o peso de ser identificado como negro.

---

<sup>4</sup> Tradução encontrada no livro: Ei, ho/ O cubano preto quer é ser igual ao branco/ Acha que escuro é atraso e que claro é adianto/ Acha graça demais de uma piada racista/ E discrimina até o irmão, que nem um bom nazista,/ Cubano preto não tem patrão, mas rasteja pelo chão (Gates 179).

## 2. O racismo na perspectiva de uma criança: uma análise do romance *Cartas para minha mãe*

A infância como produto da modernidade não pode ser compreendida se não for relacionada a fatores que contribuíram para sua construção, concebidos diante das necessidades estabelecidas pela racionalização do homem em contexto social:

La idea de la infancia aparece así como entrecrucijada inevitable, si bien con frecuencia sólo latente, de muchos de los rasgos fundamentales de la modernidad literaria. Ahí están la memoria, la temporalidad, el perspectivismo, el énfasis sobre la visión, el afán tan característicamente moderno por profundizar en nuevos umbrales de experiencias (la expresión es de Jauss), la preocupación de generar nuevas voces... (Cabo Aseguinolaza 32)<sup>5</sup>

Portanto, não nos resta dúvida de que a ideia que fazemos hoje de infância, rodeada de fantasias, cujos contos de fadas permeiam toda sua realidade e fazem parte dela tornando “real” tudo o que a imaginação permitir, se distingue, por exemplo, das crianças retratadas na pintura de *As Meninas*, de Diego Velázquez, ou do pequeno Lazaro, de *Lazarillo de Tormes*, crianças que “viveram” em uma época em que a infância que conhecemos não existia no território ficcional.

*Cartas para minha mãe* foi escrito em primeira pessoa e tem como personagem principal uma menina que, no início da narrativa, ainda é uma criança de dez anos. Negra e órfã, tendo perdido sua mãe e sem saber quem era seu pai, a

---

<sup>5</sup> A ideia de infância aparece como uma ligação inevitável, embora muitas vezes apenas latente, de muitas das características fundamentais da modernidade literária. Nela está a memória, a temporalidade, o perspectivismo, a ênfase sobre a visão, o desejo caracteristicamente moderno de aprofundar novos limiares de experiências (a expressão é de Jauss), a preocupação de gerar novas vozes... (Cabo Aseguinolaza 32, tradução livre)

criança passa a morar com a avó, a tia e as primas. Para abrandar a saudade que sente da mãe, a menina passa a escrever-lhe cartas no intento de reduzir sua solidão, de presentificar a mãe e diminuir a dor e a distância que estava sentindo em relação a ela.

Assim, é através das cartas que a estrutura romanesca é traçada pela autora, configurando o texto como um romance epistolar. Cada capítulo é uma carta da narradora à sua mãe. Para respaldar nossa visão sobre a estrutura da narrativa criada por Cárdenas (2010), esclarecemos que, para Carlos Reis, no *Dicionário de estudos narrativos* (2018):

O romance epistolar é um *subgénero narrativo* (v.) do romance(v.), cuja estrutura decorre do funcionamento textual da carta, dos seus modos de existência e da tradição cultural em que assenta a sua utilização literária e paraliterária. [...] A enunciação de um romance epistolar corresponde, *grosso modo*, a sucessivos atos de redacção de cartas. Esses atos instituem um *narrador* (v.) que se coloca numa posição temporal peculiar: no que diz respeito ao tempo da narração [...], instaura-se uma *narração intercalada* (v.) pelo facto de esse narrador de circunstâncias normalmente ser também uma personagem que relata a outra personagem acontecimentos por ela vividos algum tempo antes. (Reis 448-449)

Exatamente como ocorre nas cartas escritas pela protagonista do romance, a narradora cria toda a diegese narrativa por meio das cartas e, nelas, relata à mãe morta, os acontecimentos diários de sua vida, pouco depois de acontecerem. As cartas começam com a menina relatando sua dor pela morte da mãe e dizendo que vai começar a escrever-lhe. Na sua primeira carta, conta um sonho que teve. Neste sonho, ela viu sua mãe:

Esta noite eu vi você nos meus sonhos. Você usava um rabo de cavalo bem comprido, amarrado com uma linda fita vermelha. Corria de um lado para outro do céu, empinando uma pipa feita de nuvens.

Não estava feliz, mas estava ali, correndo e pulando como uma menina de nove anos. Você parecia comigo, como se fosse minha filha, e não o contrário.

Chamei por você em vão. Foi triste. (Cárdenas 9)

Podemos notar a fragilidade da menina que, no decorrer das cartas e do desenvolvimento do romance, vai mudando conforme a personagem amadurece. Após acordar, ela chorou e ninguém veio ver o que estava acontecendo com ela.

A partir do instante em que passa a morar com sua avó, tia e primas, a personagem sofre dolorosas situações de racismo provocadas pela própria família que deveria acolhê-la. A casa de suas parentes não se torna um lar, mas um lugar envolto no racismo que, dia após dia, se torna mais desagradável para a menina, tanto que, numa de suas cartas, em que a narradora afirma que não quer morar mais na casa da avó. (Cárdenas 15 -16).

Ainda no início do romance, em suas primeiras cartas, a personagem escreve que começou a estudar. Ela era a menina “mais alta e mais preta da sala. Talvez, a mais triste também” (Cárdenas 11). Contudo, na mesma carta, expõe o preconceito e a vergonha que Sara, uma colega de sua sala, clara de pele, sentia em relação ao pai que era negro. Quando o pai de Sara ia buscá-la ela disfarçava para que não os vissem juntos. A menina então reconsidera: “Acho que, de todos nós, a mais infeliz é Sara” (Cárdenas 12). E ainda afirma: “Um filho não deve sentir vergonha porque seu pai se parece com o carpinteiro Pedro. O amor não tem nada a ver com a cor.” (Cárdenas 12)

Para Beth Brait (1992), a narração em primeira pessoa reveste-se das seguintes particularidades:

A condução da narrativa por um narrador em primeira pessoa implica, necessariamente, a sua condição de personagem envolvida com os “acontecimentos” que estão sendo narrados. Por esse processo, os recursos selecionados pelo escritor para descrever, definir, construir os seres fictícios que dão a impressão de vida chegam diretamente ao leitor através de uma personagem. Vemos tudo através da perspectiva da personagem, que, arcando com a tarefa de “conhecer-se” e expressar esse conhecimento, conduz os traços e os atributos que a presentificam e presentificam as demais personagens. (Brait 60-61)

Podemos perceber isso na narrativa de Cárdenas: tudo o que conhecemos, todos os acontecimentos passam pelo crivo da narradora. Como em uma passagem em que ela afirma que ia todos os dias para a escola junto com suas primas: Niña e Lilita. Num determinado dia, “antes de chegarmos à escola, Niña parou e ficou me examinando como se eu fosse um bicho raro: ‘na verdade, você é mesmo preta e beijuda’, disse ela. (Cárdenas 77). Logo em seguida, Niña cuspiu nela, demonstrando o desrespeito que nutria pela menina, principalmente por ela ser mais escura e ter os lábios mais grossos. Niña era um reflexo do racismo praticado pela mãe mas, principalmente, pela avó. Contudo, sempre temos que ter em mente que até as construções da personagem de Niña e da Avó nos são relatadas pelo olhar dela, da memória da narradora.

No entanto, se a narradora sofria com o racismo e outras humilhações advindas dele, como violência verbal e física, por exemplo, cuspirem nela, podemos perceber desde o início do romance o quanto ela tem consciência de sua negritude e não tem vergonha ou complexo de inferioridade por ser negra e nem por ser humilhada nos atos de racismo que sua família comete contra ela. Isso fica evidente em muitas passagens. Em determinado dia, por exemplo, a menina encontra um espelho na rua. E, apesar dos preconceitos que sofre, apesar de seus parentes lhe chamarem de beijuda, a garota não se vê assim, ela não se deixa cegar pelo racismo dos outros e, ainda que seja uma criança, tem em si a consciência que muitos adultos

negros não têm: a de que o negro não é inferior ao branco e, exatamente por isso, não precisa imitar o branco, vestir as roupas, ter as feições ou o cabelo que os brancos têm.

Quando encontra um espelho, em vez de tentar encontrar defeitos ou se rebaixar por suas características físicas, o gesto da menina é o de contemplação frente às suas feições:

Agora, passo o tempo todo me olhando. A testa, os olhos, o nariz, a boca... Sabe de uma coisa? Descobri que meus olhos são parecidos com os seus, que não podiam ser mais bonitos, e que minha boca e meu nariz são normais. Não gosto que digam que os negros têm nariz achatado e beição. Se Deus existe, com certeza está furioso por ouvir tanta gente criticando sua obra. (Cárdenas 19)

Em outra carta, a personagem relata que Menú —uma senhora que se torna sua amiga—, lhe ensinou a rezar. Contudo, ao se deparar com as imagens de Jesus, a menina questiona-se sobre a etnia dele. É de conhecimento geral que a aparência física de Jesus, na maioria das vezes, surge muito próxima das etnias europeias. Sempre branco, com olhos claros e cabelo castanho ou loiro, liso ou levemente ondulado. É, neste sentido, que a menina deduz que Jesus teria nascido na França, ou em países onde as pessoas nascem com tais feições. Mas quando foi investigar, para sua surpresa descobriu que Jesus havia nascido perto da África:

Mãezinha, você acha que Deus entende quando lhe falam em africano? Eu acho que não. A velhinha das flores [Menú] me explicou que o Deus dos negros se chama Olofi [Deus para os religiosos afro-cubanos], mas é o mesmo Deus dos brancos, só que cada um coloca nele a cor e o nome que tiver vontade. E disse que Deus fez os homens de todas as cores porque ele é como as crianças, que não gostam de coisas iguais, que as deixam entediadas.

Imagino que muitos brancos não conhecem essa história [do Deus negro]. Eles não gostariam de adorar um Deus preto retinto e beijudo, por mais misericordioso que fosse. Não iam achar bonito. (Cárdenas 63-64)

A reflexão da menina quanto à adoração a um Deus negro é interessante, pois por séculos foi imposta ao indígena e ao negro a cultura europeia e, junto à cultura, também, a religião. Na religião cristã, o símbolo maior é Jesus: homem, branco, olhos claros, cabelos claros e lisos. O símbolo da salvação, do ser humano bondoso e sábio foi incorporado ao perfil deste tipo de indivíduo. Um Jesus negro estaria fora de discussão. Apesar de Jesus já estar cristalizado no nosso imaginário como esse homem branco e com as demais características europeias, temos que refletir sobre esses estereótipos e símbolos que são colocados em nosso inconsciente, sem percebermos.

Outra personagem que surge na narrativa é Fernando, namorado da tia Catalina. Segundo a descrição, ele era “bastante claro e tem o cabelo quase liso. Vovó diz que titia teve sorte. Todas estão encantadas com ele. [...] Quando fala comigo, é para dizer: ‘Garota, traga o cinzeiro!’, ou: ‘Menina, vá pegar um café!’” (Cárdenas 55). A menina diz que Fernando passa a se sentir o dono da casa e a tratar todas como se fossem suas empregadas, mas pelo menos era o único que não lhe chamava de beijuda. A garota descobre, mais tarde, que Fernando assediava Lilita e a obrigava a desnudar-se para ele. Constrangida, assim como sua prima, ela ajuda Lilita a se livrar deste assédio, enquanto a tia, sem saber (ou mesmo sabendo) disso, insistia no relacionamento.

O relacionamento de Fernando e Catalina tornou-se frágil, conturbado e sem respeito. A avó, que no início era a favor, depois passou a não concordar com a relação dos dois e a pedir para que a filha terminasse tudo com ele. Mas Catalina não o queria deixar. Engravidou-se de Fernando, mas ele a abandonou. Fanon, no capítulo que se refere à mulher negra em relação ao homem branco, assim escreve: “Porém talvez elas [as mulheres negras] compreendam um dia ‘que os brancos não se casam com uma mulher negra’. Mas aceitam correr o risco, porque precisam da



brancura a qualquer preço” (Fanon 58). Seja por causa da brancura tão desejada por sua mãe e por ela, seja por causa do complexo de inferioridade que a mulher negra pode ter em relação ao homem branco, Catalina não queria se separar de Fernando e, mesmo quando soube que ele havia saído do país, não desistiu de procurá-lo porque, grávida, já tinha em si o fruto daquele possível branqueamento, mas precisava do pai branco para assumir o filho, etambém para assumi-la como esposa. Segundo Fanon, as relações *negro x branco* podem ser sintetizadas do seguinte modo:

O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial... E ninguém pensa em contestar que ela alimenta sua veia principal no coração das diversas teorias que fizeram do negro o meio do caminho no desenvolvimento do macaco até o homem. (Fanon 33)

O sentimento de inferioridade faz os negros se comportarem e terem reações diferentes para com brancos. A avó do romance demonstra esse complexo de inferioridade. A narradora afirma que cada “vez que menciona a família para a qual trabalha, vovó diz ‘os brancos isso ou aquilo’, ou então ‘hoje a branca me disse...’. É assim que ela sempre falou deles” (Cárdenas 87). Ao referir-se aos seus padrões por “brancos”, “branca”, se estabelece uma ponte, um distanciamento, entre a pessoa que fala e a pessoa de quem ela fala. E outro ponto: referir-se a alguém por “a branca”, “o branco”, “o negro”, demonstra que importa muito mais a cor do indivíduo do que seu nome.

No decorrer das cartas, conhecemos também Roberto. Roberto é um menino, branco, muito infeliz no início, devido à prostituição da mãe. A amizade entre ele e Menú o aproxima da personagem principal. Ambos tornam-se amigos e, no final, já adolescentes, namorados. Num certo dia, quando a avó pergunta à menina quem é o “branquinho” que andava com ela, não soube o que responder,

pois tinha esquecido que seu amigo era branco: “Foi então que descobri que, quando gostamos de alguém, a cor da pele não tem importância. E, além do mais, é mais bonito dizer Roberto que ‘o Branquinho’” (Cárdenas 88). Quando a protagonista afirma que havia esquecido que Roberto era branco, demonstra o quanto não é deslumbrada, como a avó e a tia em relação às pessoas brancas. Tornamo-nos apenas humanos, sem complexos de inferioridade ou de superioridade.

Como dito no início, a narradora começa a escrever cartas para sua mãe quando tinha dez anos. Termina o livro com quinze. Descobre, no final, que seu pai era o mesmo pai de Lilita e que sua mãe havia traído sua tia para ficar com ele. Por isso, a avó e a tia a maltratavam: porque descontavam nela a traição de sua mãe.

Com relação à constituição e importância da personagem no romance, Candido afirma que (61) “O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam”, assim, percebemos que a construção do enredo da narrativa de Cárdenas (2010) que finaliza com o desfecho da traição, de alguma forma, prepara a narradora para as revelações sobre o passado de seus pais.

Se o livro começa com as cartas de uma menina inteligente, crítica e consciente de sua negritude e dos preconceitos que sofre, porém ainda inocente, que acredita que as cegonhas surgem para trazer os bebês; no final, essa mesma menina, com os seus quinze anos, já demonstra maior amadurecimento: sabe que quer estudar para ser professora, para ensinar coisas que os alunos nunca mais esquecerão e que no futuro lembrar-se-ão dela.

Como no início, trazendo uma ideia de fechamento, de ciclo acabado, o final acaba com a protagonista lembrando um sonho que teve com a mãe, mas desta vez foi um sonho de despedida: “Você estava lá, com sua pipa, sorrindo para mim./ Então, de repente, você começou a crescer e se transformou em milhares de passarinhos que encheram o céu” (Cárdenas 107).

A menina diz que perdoa os erros da mãe e perdoa a falta que ela faz em sua vida. Afirma que encontrará o pai. E encerra escrevendo que ela e a mãe irão se ver algum dia e que ela a ama, muito.

Nota-se um amadurecimento da protagonista, que inicia o relato como uma menina e termina como uma adolescente, consciente de sua origem, da verdade sobre o seu nascimento e, enfim, orgulhosa de sua cor, da sua etnia e acreditando num futuro promissor.

### Considerações finais

A narradora do romance *Cartas para minha mãe* nos mostra, desde o início de suas cartas, a sua resistência enquanto criança/mulher negra. Criança, sem nunca ter conhecido o pai e tendo perdido a mãe, a protagonista se vê cercada por uma família que, mesmo sendo predominantemente negra, tem preconceito com ela devido aos seus traços mais fortes. Ainda que todas fossem do sexo feminino e negras é, inicialmente, por pessoas fora de sua família, distante de seus laços de sangue, que a menina se sente protegida e amada.

Apesar de sofrer muitos atos de racismo, vindos em grande parte de sua avó, a narradora não se intimida e demonstra o quanto a mulher negra tem que ser, desde sua infância, forte. Forte para superar as barreiras que a sociedade lhe impõe por conta de sua cor. Forte para elevar-se todas as vezes que tentam lhe rebaixar. Forte para não deixarem que lhe alisem os cabelos e que a deixem acreditar que seu cabelo é feio, do modo como ele é. Forte para fazer sobreviverem não apenas sua cultura e suas tradições, mas seu próprio corpo, sua alma e sua liberdade.

No romance aqui analisado, a narradora não se deixa intimidar pelos preconceitos e violências que sua família a fazem passar, inclusive pelos preconceitos velados que a sociedade mantém vivos, sem que percebamos.

O complexo de inferioridade imposto culturalmente ao negro que Fanon (2008) aborda e discorre no decorrer de sua obra, em nenhum momento, é

perceptível nos relatos epistolares da menina. O racismo que poderia fragilizá-la mais, considerando que se tratava de uma criança que acabara de perder a mãe, é o mesmo racismo que a faz problematizar os preconceitos e os estereótipos em relação ao negro. O racismo, na obra de Cárdenas, em nenhum momento faz com que a garota se sinta inferior aos outros. Ao contrário, porém, faz com que ela adquira mais consciência de sua negritude e do preconceito que está imerso na sociedade. Ela não o aceita e se opõe a ele.

Quando enfatizamos que o racismo faz com que a protagonista do romance tenha mais visão crítica sobre os preconceitos raciais e mais compreensão de sua negritude e de si mesma, não estamos colocando pontos positivos nos atos de racismo. Longe disso, estamos mostrando que, onde o racismo existe, a melhor forma de lidar com ele é fazendo-o transformar-se em problematização e, nunca, em aceitação ou vitimismo. O racismo nunca é benéfico, principalmente, para quem o recebe, assim como a violência, as desigualdades sociais, as doenças. Mas o importante é como nós agimos frente ao racismo, à violência, às desigualdades e às doenças, se elas passarem a fazer parte de nossas vidas.

A narradora não aceita o racismo e sem complexos de inferioridade vai, aos poucos, construindo sua identidade e compreendendo que ser negra e carregar toda a força que a negritude demanda não é para qualquer um: “Algumas pessoas não sabem ser negras” (Cárdenas 20). Algumas pessoas negras se rebaixam por serem negras; outras negam sua cor e seus traços; outras fazem transformações para mudar suas feições; outras têm preconceito consigo mesmas e com outros que possuem traços como os seus; mas a protagonista de Cárdenas não. Sua cor, seus traços, seu cabelo são motivos para que ela valorize e exalte ainda mais sua herança negra sem aceitar e sem normalizar os atos de preconceitos que sofria e, muito menos, rebaixar-se por causa deles. A cada ato de racismo, a menina crescia mais, a cada ato de amor, ela se humanizava mais. O racismo contra o negro jamais deve ser aceito como algo normal, mas também não pode ser sentido com o seu peso de inferiorização, mas ser revertido na consciência de sua própria negritude, em sentimentos de igualdade e de exaltação das culturas negras.

## Bibliografia

- Alves, Castro. *O navio negreiro e Vozes d'África*. [recurso eletrônico]. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.
- Andrade, Lucimary Bernabé Pedrosa de. Tecendo os fios da infância. In: *Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p. ISBN 978-85-7983-085-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- Ariès, P. *História social da infância e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1981.
- Barbosa, Analedy Amorim; Magalhães, Maria das Graças S. Dias. *A concepção de infância na visão Philippe Ariès e sua relação com as políticas públicas para a infância*. S/d, p. 1-7.
- Brait, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.
- Cabo Aseguinolaza, Fernando. *Infancia y modernidad literaria*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2001.
- Candido, Antonio. A personagem do romance. In: Candido, Antonio; Rosenfeld, Anatol; Prado; Décio de Almeida; Gomes, Paulo Emílio Salles. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- Cárcamo, Silvia. *Infância e modernidade literária em Julio Cortázar (O olhar a partir das margens)*. *Cadernos Neolatinos* (UFRJ), v.8, p. 3-16, 2015.
- Cárdenas, Teresa. *Cartas para a minha mãe*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.
- Fanon, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- Gates, Henry Louis. *Os negros na América Latina*. Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- Gregorin Filho, José Nicolau Gregorin. *Concepção de infância e literatura infantil*. *Linha D'Água*, n. 22, p. 107-112, 2009. Editora Pallas. *Teresa Cárdenas*. Disponível em: <[http://www.pallaseditora.com.br/autor/Teresa\\_Cardenas/128/](http://www.pallaseditora.com.br/autor/Teresa_Cardenas/128/)>. Acesso em: 12 de ago. 2019.
- Reis, Carlos. *Dicionário de estudos narrativos*. Coimbra: Almedina, 2018.
- Souza, Bárbara Oliveira. *A ambígua condição negra em Cuba: Relações Raciais e Mobilizações Coletivas Antirracistas*. Tese (Doutorado) - Departamento de Antropologia/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de Brasília. 2015.



New articles in this journal are licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 United States License.



This site is published by the University Library System, University of Pittsburgh as part of its D-Scribe Digital Publishing Program and is cosponsored by the University of Pittsburgh Press.

